



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

PIB brasileiro cai 4,1% em 2020, o pior resultado em 25 anos

As Figuras 1 e 2 trazem os resultados do crescimento do PIB brasileiro nos quatro trimestres de 2020, segundo dados das Contas Nacionais Trimestrais divulgados pelo IBGE. Em cada figura, o gráfico da esquerda apresenta os dados pela ótica da oferta, enquanto o da direita retrata os resultados dos componentes do PIB pela ótica da demanda.

A economia cresceu 3,2% no quarto trimestre na comparação com o trimestre anterior, segundo resultado positivo nessa comparação. Em valores correntes, o PIB brasileiro foi de R\$ 7,4 trilhões em 2020.

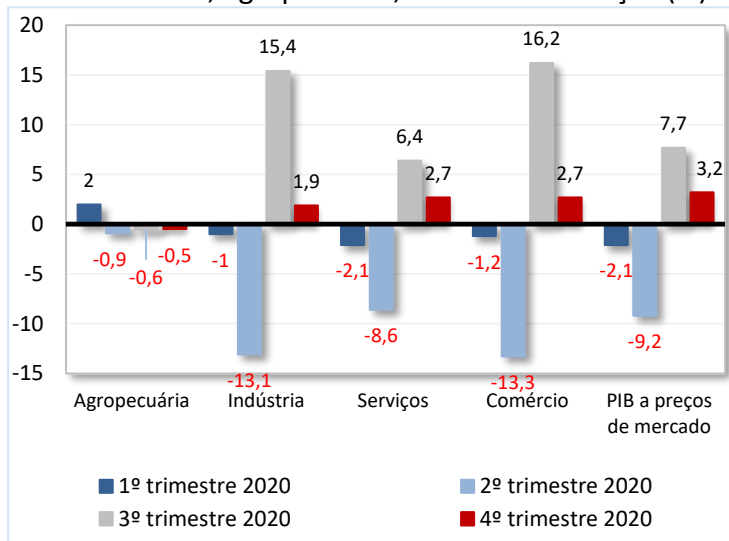
Pela ótica da oferta, o resultado foi puxado pelo crescimento na *indústria* (1,9%) e nos *serviços* (2,7%). Na *indústria*, o resultado positivo refletiu o aumento da produção na *indústria de*

transformação (4,9%), único segmento com crescimento. No setor de *serviços*, destaque para o crescimento de *outras atividades de serviços* (6,8%), *transporte, armazenagem e correio* (6,2%), *informação e comunicação* (3,8%) e *comércio* (2,7%). A agropecuária recuou 0,5% devido ao ajuste de safra, como aponta o IBGE.

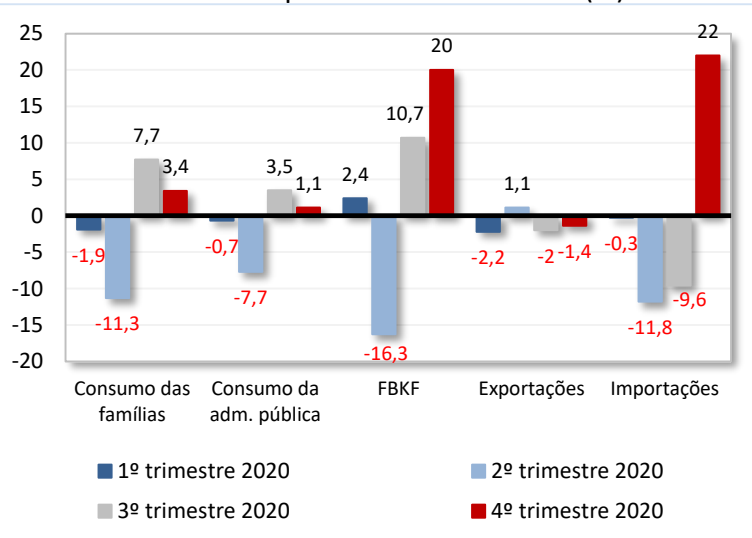
Dentre os componentes da demanda, destaque para os *investimentos* com crescimento de 20%. Consumo das famílias e os *gastos do governo* também tiveram alta, 3,4% e 1,1%, respectivamente. Já as *exportações* recuaram 1,4%, enquanto as importações registraram aumento de 22%.

Figura 1. PIB do Brasil: Taxa trim. contra trim. imediatamente anterior (%)

PIB: Total, agropecuária, indústria e serviços (%)



PIB: componentes da demanda (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

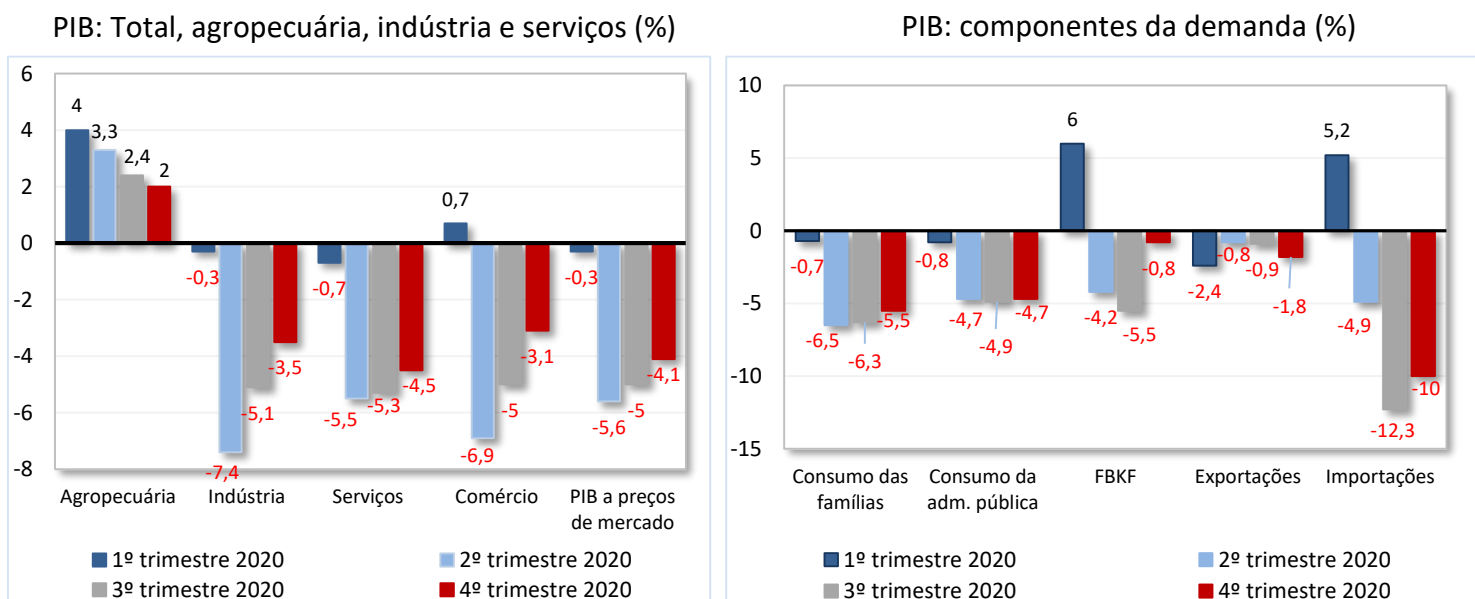
No ano, o PIB caiu 4,1% frente a 2019, conforme mostra a Figura 2. Essa foi a menor taxa da série histórica iniciada em 1996 e interrompeu três anos consecutivos de crescimento.

Dentre os grandes setores, apenas a *agropecuária* (2,0%) registrou crescimento. A alta no setor foi puxada, pelo crescimento da produção e ganho de produtividade na *agricultura*. Destaca-se o crescimento na produção de *soja* (7,1%) e *café* (21,6%), que alcançaram produções recordes na série histórica. Na *indústria* houve queda de 3,5%, com o pior resultado no segmento da *construção* que teve retração de 7,0% este ano. As *indústrias de transformação* (-4,3%) também apresentaram variação negativa influenciada, principalmente, pela queda na *fabricação de veículos automotores; de outros equipamentos de transporte, confecção de vestuário e metalurgia*. O PIB do setor de *serviços* encolheu 4,5% frente a 2019, com destaque para a queda de *outras atividades*

de serviços (-12,1%), que incluem os serviços prestados às famílias, como restaurantes, academias e hotéis e *transporte, armazenagem e correio* (-9,2%), principalmente o transporte de passageiros, também muito afetado pela pandemia.

Pelo lado da demanda, houve retração em todos os componentes, com o pior resultado do consumo das famílias (-5,5%) que registrou a menor taxa da série histórica. Segundo o IBGE, o resultado decorre, principalmente, da piora no mercado de trabalho e do distanciamento social necessário para conter o avanço da pandemia. Os gastos do governo recuaram 4,7% em 2020, resultado também recorde que reflete o fechamento de escolas, universidades, museus e parques ao longo do ano. Os investimentos caíram 0,8%, após dois anos com crescimento. As importações e as exportações recuaram 10,0% e 1,8%, respectivamente.

Figura 2. PIB do Brasil: Taxa acumulada ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

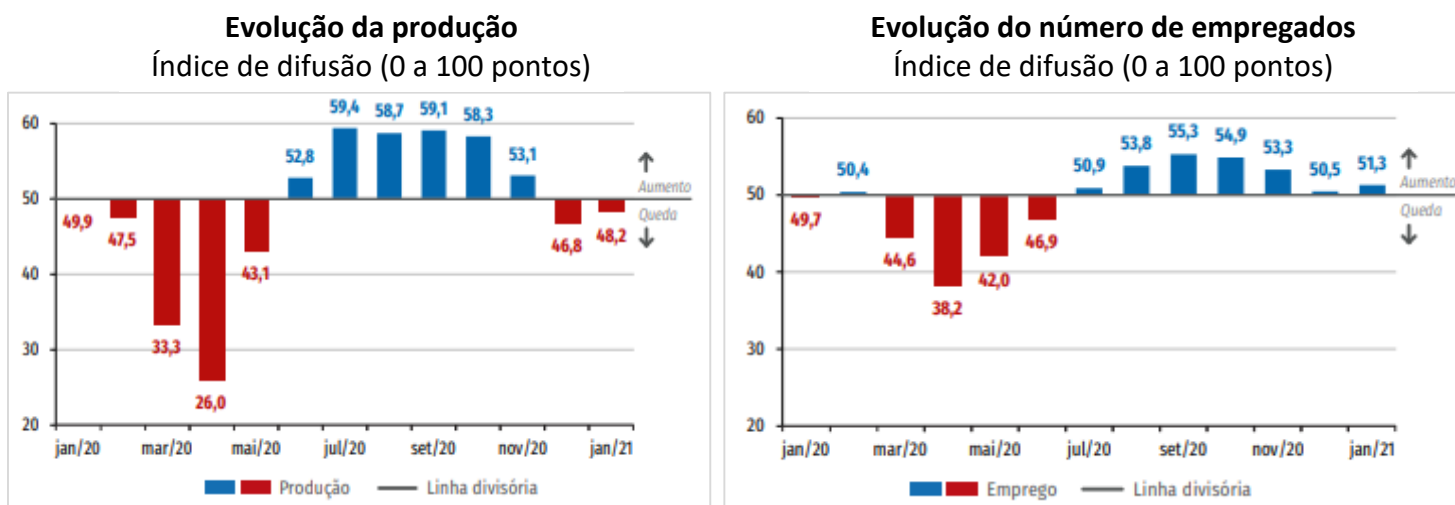
Indústria

A Figura 3 apresenta dados do setor industrial divulgados pela Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Nos gráficos, valores acima de 50 pontos indicam aumento na comparação com o mês anterior e valores abaixo dessa linha divisória indicam redução na comparação com o mês anterior. Quanto mais distante dos 50 pontos maior e mais disseminada é a variação.

O índice de evolução da produção atingiu 48,2 pontos em Jan./21, o que revela queda na produção neste mês na comparação com Dez./20.

Por outro lado, o número de empregados na indústria aumentou nessa mesma base de comparação, conforme retratado pelo índice de evolução que ficou em 51,3 pontos, completando o sétimo mês consecutivo de alta do número de empregados. Segundo a CNI, mesmo com a queda, a produção industrial se mantém em nível relativamente elevado devido à produção mais aquecida dos últimos meses de 2020, o que também explica a alta do emprego em janeiro.

Figura 3. Indústria: Produção e Emprego



Fonte: Sondagem industrial/CNI. Jan./2021

Nota: Valores acima de 50 indicam aumento na produção frente ao mês anterior. Valores abaixo de 50 pontos indicam queda da produção frente ao mês anterior. Quanto mais distante dos 50 pontos, maior e mais disseminada é a variação.

Retomada da confiança dependerá da velocidade da vacinação no país

A Figura 4 apresenta os índices de confiança do consumidor, indústria, serviços, comércio e construção civil, conforme dados divulgados pela FGV.

O índice de confiança do consumidor teve alta de 2,2 pontos em Fev./21, atingindo 78 pontos. Após quatro meses de perdas na confiança, houve melhora tanto da percepção dos consumidores em relação ao momento presente quanto



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

das expectativas para os próximos meses. Segundo a FGV, o início da campanha de imunização contra a Covid-19 no país e a possibilidade de retorno do auxílio emergência podem ter contribuído para a alta no mês. No entanto, a confiança ainda é baixa e a manutenção da tendência de alta dependerá de fatores como a velocidade da vacinação, da evolução dos números da pandemia no Brasil e da recuperação do mercado de trabalho.

Na indústria, a confiança recuou pelo segundo mês consecutivo indo para os 107,9 pontos, com queda de 3,4 pontos em Fev./21. Como aponta a FGV/IBRE, a retração refletiu uma diminuição da satisfação dos empresários com relação ao momento atual e da redução do otimismo em relação aos próximos meses. Ainda segundo a FGV/IBRE, a insatisfação pode ter sido influenciada pelo período de interrupção dos benefícios emergenciais, além dos preços mais elevados das matérias primas.

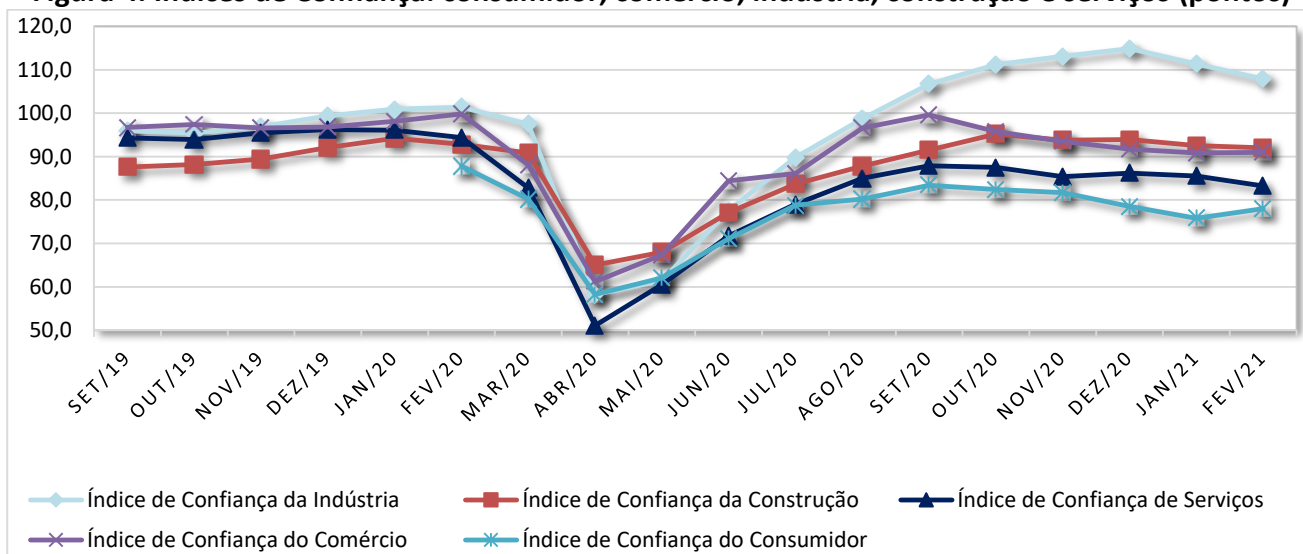
O índice de confiança dos serviços caiu 2,3 pontos, chegando aos 83,2 pontos em fevereiro. Segundo a FGV/IBRE, o recuo foi influenciado

tanto pela piora na percepção do volume de serviços prestados no mês quanto das expectativas com os próximos meses, sendo os serviços prestados às famílias o que mais tem sido afetado na pandemia.

A confiança no setor de comércio teve uma ligeira alta de 0,2 ponto em Fev./21, interrompendo uma sequência de quatro quedas consecutivas e chegando aos 91 pontos. Segundo a FGV, é preciso cautela na análise do resultado, pois os empresários do setor avaliam piora no ritmo de vendas e o cenário atual não é muito animador para o setor. No entanto, expectativas sobre novos programas de auxílio do governo, avanço da vacinação e melhora na confiança do consumidor podem contribuir para a recuperação das vendas ao longo do ano

Por fim, o índice de confiança da construção recuou 0,5 ponto em Fev./21, segunda queda consecutiva, atingindo os 92 pontos. Como aponta a FGV, além das expectativas, houve piora na percepção em relação ao ambiente atual dos negócios, com aumento dos preços dos materiais de construção.

Figura 4. Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços (pontos)



Fonte: IBRE/FGV. Período: Set./2019 a Fev./2021.



Desaceleração nos preços dos alimentos e queda na energia elétrica contribuem para alta menos intensa nos preços em janeiro

A Tabela 1 apresenta dados da inflação, mensurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), para os meses de Dez./20 e Jan./21. Segundo o IBGE, o IPCA subiu 0,25% em janeiro, mas desacelerou em relação a dezembro quando a alta foi de 1,35%. Essa foi a menor taxa desde agosto de 2020 (0,24%).

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, apenas *habitação* (-1,07%) e *vestuário* registraram queda (-0,07%). No primeiro grupo, a deflação foi puxada pela queda de 5,60% no item *energia elétrica*, que foi, individualmente, o maior impacto negativo no índice do mês (-0,26 p.p.)

Entre os grupos que registraram alta no mês, destaca-se *alimentação e bebidas* (1,02%) que continuam a puxar os preços, mas com desaceleração em relação ao mês de dezembro. Segundo o IBGE, os *alimentos para consumo no domicílio* (1,06%) tiveram alta menos intensa em janeiro, com variação

de 1,06% frente ao aumento de 2,12% em dezembro. Destaque para queda nos preços das *carnes* (-0,08%), *leite longa vida* (-1,35%) e o *óleo de soja* (-1,08%), além do aumento menos intenso das *frutas* (2,67% em janeiro contra 6,73% em dezembro).

Nos últimos doze meses, o IPCA acumula alta de 4,56%, puxada pelo grupo de *alimentação e bebidas* (14,81%).

Tabela 1. IPCA - Variação mensal, acumulada no ano (%)

Geral, grupo, subgrupo, item e subitem	Variação mensal (%)		Variação acum. no ano (%)		Variação acum. em 12 meses (%)	
	dez./2020	jan./2021	dez./2020	jan./2021	dez./2020	jan./2021
Índice geral	1,35	0,25	4,52	0,25	4,52	4,56
Alimentação e bebidas	1,74	1,02	14,09	1,02	14,09	14,81
Habitação	2,88	-1,07	5,25	-1,07	5,25	3,56
Artigos de residência	1,76	0,86	6	0,86	6	6,98
Vestuário	0,59	-0,07	-1,13	-0,07	-1,13	-0,72
Transportes	1,36	0,41	1,03	0,41	1,03	1,12
Saúde e cuidados pessoais	0,4	0,32	1,5	0,32	1,5	2,15
Despesas pessoais	0,65	0,39	1,03	0,39	1,03	1,07

Fonte: IBGE.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Conclusões

A economia brasileira cresceu 3,2%, porém, no ano a retração foi a menor taxa da série histórica iniciada em 1996. A produção industrial caiu no início de 2021, mas o ritmo mais aquecido do setor nos últimos meses de 2020 possibilitou aumento no número de empregos formais no início do ano. A melhora na percepção dos consumidores frente ao início da campanha de imunização contra o Covid-19 e a continuidade do auxílio emergencial contribuiu para o aumento na confiança em fevereiro, após quatro meses de queda. Contudo, na maioria dos setores da economia houve queda na confiança.

Os dados dão um breve panorama da conjuntura nacional, evidenciando dificuldades de recuperação econômica num cenário adverso e sem

previsibilidade de grandes melhoras. A retração na atividade econômica foi recorde e a indústria ensaia alguns bons resultados. A inflação desacelerou, mas os alimentos continuam pesando no bolso das famílias que sofrem com o alto desemprego e a suspensão dos auxílios do governo.

Tudo isso contribui para arrefecer a demanda e se torna empecilho para a retomada da confiança e dos investimentos. Além disso, a falta de comprometimento do governo federal com um plano nacional de vacinação e o consequente agravamento da situação da saúde no país retarda o processo de recuperação econômica.